

VIDA ATIVA E COEDUCAÇÃO ENTRE GERAÇÕES

VIDA ACTIVA Y COEDUCACIÓN ENTRE GENERACIONES

ACTIVE LIFE AND CO-EDUCATION BETWEEN GENERATIONS

Fernando Pereira¹

<https://orcid.org/0000-0002-3294-3084>

Resumo

Neste artigo dedicado à vida ativa e à coeducação entre gerações o nosso objetivo é sublinhar o valor do conhecimento das pessoas, seja qual for a sua idade e condição, romper com os estereótipos e contribuir para a boa relação entre gerações. Em termos metodológicos toma a forma de um pequeno ensaio, baseado na nossa experiência de docente e investigador ligado aos idosos e envelhecimento; as nossas ideias são complementadas com as palavras de outros autores consultados. O nosso argumento principal reside na ideia de vida ativa ao longo de todo o ciclo de vida dos indivíduos. Valorizamos as continuidades em detrimento das ruturas. Valorizamos a ideia de combinar harmoniosamente o pré-moderno com as condições da pós-modernidade. Procuramos, com as nossas ideias, ajudar a reabilitar o espaço público, a tirar partido das artes e da cultura e a reinventar a Universidade Senior e a Universidade como espaços de coeducação. O texto tem um certo cunho filosófico, propositado, pois é da vida e do sentido da vida que se trata.

Palavras-Chave: Coeducação. Relações intergeracionais. Vida ativa.

Abstract

In this article dedicated to active life and intergenerational coeducation, our goal is to emphasize the value of people's knowledge, regardless of their age and condition, to break stereotypes and contribute to good relationships between generations. Methodologically, it takes the form of a short essay based on our experience as a teacher and researcher linked to the elderly and aging issues; our ideas are complemented with the words of other consulted authors. Our main argument lies in the idea of active life throughout the individuals' life cycle. We value continuity over disruption and the idea of harmoniously combining the pre-modern with the conditions of post-modernity. With our ideas, we seek to help rehabilitate public space, take advantage of arts and culture, and reinvent Senior University and the University as spaces for coeducation. The text has a certain philosophical tone, intentionally, as it is about life and the meaning of life.

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Professor do Instituto Politécnico de Bragança. E-mail: fpereira@ipb.pt

Como referenciar este artigo:

PEREIRA, Fernando. Vida ativa e coeducação entre gerações. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 25, p. 1-15, 2023.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v25i17604>

Keywords: Coeducation. Intergenerational Relationships. Active Life.

INTRODUÇÃO

*Na mansidão desses fios de cabelo branco escondem-se muitas vidas, Fulgor das ondas negras e revoltas de outros tempos.
Nas mãos, um carinho comovente,
Que se entrega de forma incondicional..
Nas palavras, uma franqueza desconcertante.
Ainda assim, o mesmo olhar, a mesma essência, Que agora contempla a beleza das cores entrelaçadas, Das folhas caídas do Outono.
Para que uma nova vida aconteça.*

Início este artigo recuperando o poema “Entardecer”, escrito por uma amiga Ana Freire, para abertura do meu livro, editado em 2012, “Teoria e prática da Gerontologia: Um Guia para Cuidadores de Idosos. O poema fala de sabedoria. Uma sabedoria tranquila e generosa que dá conta do ciclo da vida e da morte. Também pensei em iniciar este contributo com “O Elogio da Velhice” um discurso proferido pelo filósofo romano Cícero em 44 a.C. no qual argumenta que a velhice pode ser um período de grande sabedoria e experiência, em que as pessoas podem contribuir significativamente para a sociedade (CÍCERO, 2002). Cícero destaca que a velhice pode ser um momento de maior liberdade e tranquilidade, pela libertação das responsabilidades e preocupações da juventude e adultez. Cícero rejeita a ideia de que a velhice é um período de tristeza e decadência, sublinhando que o essencial é que, a cada um, em cada momento da sua vida, seja permitido “fazer aquilo que ainda pode fazer”. Este seria o caminho para a felicidade e para a aceitação da vida, para a aceitação das perdas físicas e cognitivas que são relativizadas, e até para a morte que é, afinal, último “bocadinho” de vida.

No meu percurso profissional como investigador e professor, que já vai longo de quase quatro décadas, sempre encontrei interesse maior na partilha do conhecimento. Para mim sempre fez sentido a ideia de que cada momento é uma oportunidade de ensino/aprendizagem, de partilha, tirando partido dos contextos, dos interlocutores e da interação. Este é aliás o desafio proposto pela Unesco (Comisión Internacional sobre los Futuros de la Educación & Unesco, 2022), que, na sua publicação “Re imaginar Juntos os Nossos Futuros: Um Novo Contrato Social para a Educação”, dedica um capítulo à

Educação em Diferentes Tempos e Espaços. Nesse percurso acadêmico já fizemos algumas aproximações à temática Educação ao Longo da Vida, designadamente, em: “Educação para o Suporte Social e Satisfação com a Vida” (CUNHA; PEREIRA; LOUREIRO, 2019); “A Ideia de Vida Ativa” (PEREIRA, 2012a); “A Comunicação Intergeracional no Contexto da Pós-modernidade” (PEREIRA; GALVÃO, 2022); e ainda em “Saúde, Fatores Sociais e Suporte Social dos Idosos” (PEREIRA, 2014). Digamos que, em momentos diferentes, já perpetivamos o assunto da coeducação entre gerações, da vida ativa e saudável dos idosos e de como ambas são importantes para a construção de uma sociedade inclusiva. A nossa proposta para este artigo será então ensair uma síntese articulada desta temática no contexto atual.

Relações intergeracionais e coeducação: obstáculos, dificuldades e equívocos

O poema de abertura termina falando da contemplação da beleza das cores entrelaçadas para fazer acontecer a vida. Metaforicamente esta ideia traduz muito bem a essência das relações intergeracionais e da coeducação. Para haver vida (vida humana em sua plenitude) tem de haver encontro, haver entrelace, haver tempo e espaço de partilha entre gerações. Esta é uma questão-chave, sempre o foi aliás, mas, é-o, particularmente, no momento atual, no *day after* da pandemia do covid 19.

Tanto assim é que a questão despertou o interesse ao mais alto nível como expresso no relatório das Nações Unidas "Ageing in the twenty-first century: A celebration and a challenge" que destaca a importância das práticas intergeracionais para a promoção do envelhecimento ativo e saudável, da coesão social, do respeito pela diversidade e para a necessidade de políticas públicas que incentivem a coeducação entre gerações e a colaboração entre diferentes grupos etários (United Nations, 2017). A assunção deste imenso desafio implica encontra várias obstáculos e dificuldades socioculturais e institucionais. Vejamos.

O efeito das mudanças socioculturais

No domínio sociocultural, ou contrário das sociedades pré-modernas muito baseadas na sociabilidade da comunidade, em que o espaço familiar e o espaço público

eram naturalmente partilhado por várias gerações, na pós-modernidade o que predomina é a segregação geracional muito acentuada. Este fenómeno é visível a vários níveis. Vejamos.

O espaço intergeracional alargou-se consideravelmente, a geração de filhos, pais e avós está agora separada por cerca de 30 anos, ou seja, o tempo de uma geração e meia, aceitando como referência os 20 anos como espaço de tempo intergeracional. Ou seja, filhos, pais e avós vivem agora realidades mais distantes e mais desconhecidas uns dos outros, isto apesar do esforço empreendido para superar essas distâncias. Relacionado com isto, a diferença de 30 anos, hoje, fruto da aceleração das mudanças sociais, é, na realidade, muito mais do que os 30 anos cronológicos. Em consequência as realidades geracionais são então mais distantes e desconhecidas do que a cronologia faria supor.

Além do tempo também o espaço de encontro intergeracional está agora, mais do que nunca, desestruturado. A matriz é dada por aquilo a que designo de “via-sacra da institucionalização”: bebés no infantário, crianças na creche, jovens na escola, adultos no trabalho e idosos nas residências geriátricas. Encontros? Ao fim-de-semana se se proporcionar, mas, o mais certo, é também nesses tempos e espaços, cada um se ocupar dos seus interesses particulares e “apropriados à idade”. Programas intergeracionais, mesmo no seio da família, são cada vez mais escassos e muitas vezes desinteressantes (“um frete”) potenciados pelo desencontro e desconhecimento predominante. Ainda concorrendo para o afastamento espacial entre gerações temos a substituição, cada vez mais frequente, do modelo de família alargada (em que o agregado é partilhado por mais do que duas gerações) pelo modelo de família nuclear (agregado partilhado no máximo por duas gerações) agravado pelo crescimento das famílias sem filhos e da monoparentalidade.

Assim, a desarticulação do espaço-tempo impacta profundamente as relações intergeracionais. Pais sem filhos, filhos sem pais, netos sem avós, e avós sem netos. Não é estar a dramatizar, é, tão só, assumir, sem rodeios, sem paliativos, sem dizeres politicamente convenientes, as consequências dos modelos de vida predominantes nas sociedades ocidentais contemporâneas, ou, dito doutra forma, nas condições da pós-modernidade. Poderíamos aduzir a esta explicação da desarticulação intergeracional outros macro e microfenómenos sociais que também concorrem para a mesma, tais como:

proliferação das identidades de gênero, artificialização dos modos de vida, individualização dos processos de trabalho, migrações, entre outros.

Estes fenômenos foram ainda intensificados com as consequências (ou a reflexibilidade) da pandemia Covid-19, vejamos: isolamento social dos idosos que por serem mais vulneráveis forma orientados a evitar a interação direta com seus filhos, netos e outras pessoas mais jovens; todos os programas e iniciativas comunitárias de interação geracional foram suspensos; hábitos de visita a idosos institucionalizados foram igualmente suspensos ou severamente restringidos; a comunicação ficou praticamente restrita às formas de comunicação à distância sendo menos satisfatórias para todos os interlocutores e especialmente para idosos que podem ter dificuldade em usar tecnologias de comunicação. Mas, o mais grave é que se criou como que uma “nova normalidade” em que o encontro direto presencial perdeu a sua centralidade. Isto é muito evidente a vários níveis (por exemplo, como professor, já notamos isso no retorno às aulas presenciais), sobretudo nas gerações mais novas, Geração Z e, particularmente a Geração Alpha (nascidos após 2010), já profundamente “industriados” pelas tecnologias de comunicação à distância. Ou seja, enquanto para as gerações mais velhas o controle da pandemia permitiu um certo retorno (e uma certa vontade de retorno) à normalidade comunicacional, as gerações mais novas adotaram simplesmente a “nova normalidade” comunicacional). Isto acentuou ainda mais, e de forma súbita, a distância geracional. E isto não é bom para a relações presenciais entre as gerações.

Em contramarcê, a mesma pós-modernidade também proporciona novos meios de convivalidade intergeracional, pelo recurso às novas tecnologias de comunicação e redes sociais. Todavia, estas formas relacionais, por mais sofisticados que sejam as tecnologias, ficam sempre aquém da riqueza, complexidade, profundidade e sutileza das relações presenciais face-a-face, olhos nos olhos. As relações mediatizadas podem ser um complemento interessante das relações presenciais, mas, arriscamos a dizer, jamais as poderão substituir. Como complemento a esta questão sugerimos a leitura de “O lugar das emoções e dos sentimentos nas condições da pós-modernidade” (PEREIRA, 2012b) e “Fenômenos estruturantes da pós-modernidade” (PEREIRA, 2012b).

O efeito da inabilidade política e institucional

A sociedade portuguesa tem uma capacidade fora do normal para realizar diagnósticos fundamentados dos problemas, sejam eles quais forem e, depois, nada fazer para resolver as situações diagnosticadas. Em consequência, no essencial, o problema mantém-se e logo, a cada mudança de ciclo político, novas promessas de atenção e novos diagnósticos fundamentados condenados a serem esquecidos, e assim sucessivamente. O mesmo se passa ao nível do discurso político, os problemas e as propostas de remediação estão bem plasmados nas palavras e nas ideias, porém, nada é levado à prática. Em consequência, ouvir um discurso político, seja qual for a problemática em causa, soa sempre a discurso “requeitado”, repetido até à exaustão ao longo de anos, por vezes décadas. Da nossa experiência de investigação, em que dedicamos cerca de 15 anos ao estudo do setor agrário e, depois, cerca de 20 anos ao estudo da problemática dos idosos e do envelhecimento, isto é verdade em ambos os contextos.

Há, todavia, uma evolução que temos de realçar. Nas últimas duas ou três décadas (talvez fruto do fim do pesadelo da ditadura fascista e, depois, da integração europeia), o discurso oficial já incorpora as ideias inovadoras sobre os problemas, antes nem isso acontecia, porém, parece que o discurso é oco, ou seja, que há uma espécie de iliteracia para ligar as palavras aos conceitos e à consequente concretização das ideias. Prevalece a voz de uma certa elite, mais ou menos bem-falante, mas que não compreende ou não assume o que diz. E, portanto, ficamos por ideias da moda e *soundbites*, repetidas à maneira dos papagaios. O pináculo deste discurso é a incorporação no mesmo das mais recentes preocupações/problemáticas de alcance global, como a transição demográfica, transição tecnológica, economia circular, entre outras. Ou seja, o discurso, no essencial, é o mesmo de há duas ou três décadas, todavia, agora “renovado” com a urgência destas novas preocupações/problemáticas.

A problemática das relações intergeracionais e, consequentemente, da coeducação entre gerações não escapa a este estado de iliteracia política. Para explicarmos o nosso ponto de vista vamos simplificar o contínuo geracional em 3 subgrupos etários: até à maioridade, idade adulta e idosos.

Primeira constatação, as pessoas no estrato da idade adulta (estamos a falar do espaço de duas gerações) parecem aleadas do processo, isto é, raramente se envolvem em programas intergeracionais. Certamente estão ocupadas a serem produtivas. Portanto, a

sua intervenção em programas intergeracionais resume-se, quando é o caso, à organização das mesmas.

Segunda constatação, os programas intergeracionais são pensados e desenhados para fazer interagir as gerações “não produtivas”, isto é, os idosos e as crianças (isto porque os adolescentes e jovens, por norma, não estão muito interessados neste tipo de atividades, antes, preferem estar (des)conectados sem fios a sistemas eletrônicos de conteúdos). Ou seja, quando se pensa em relações intergeracionais, pensa-se, sobretudo, em relações do tipo avozinhos e netinhos (curiosamente aqueles a quem a sociedade pede menos responsabilidades em termos produtivos, leia-se os que têm mais tempo disponível para produzirem a improdutividade socialmente aceite).

Terceira constatação, decorre daqui que o layout típico dos programas intergeracionais consiste em iniciativas e atividades avulso (normalmente associados a eventos e datas festivas), concentrando idosos (muitos deles com pouca paciência e saúde) e crianças energéticas, exibindo performances várias, muitas delas sem grande consciência do contexto e das razões dessas iniciativas e atividades.

Quarta constatação, ao resumir os programas intergeracionais a estes dois extratos etários dos extremos do contínuo incorre-se num conjunto de dificuldades acrescidas determinadas, justamente, pela distância geracional (*generation gap*). Isto agravado, mais ainda, porque no hiato temporal das gerações “produtivas”, os encontros intergeracionais são escassos e, portanto, o conhecimento das realidades e das circunstâncias de vida também é pouco.

Relações intergeracionais e coeducação: ideias e princípios

No ponto anterior desfiámos um conjunto de reparos dirigidos à elite política e institucional em particular e, de forma implícita, a toda a sociedade. Para não incorrer nas mesmas insuficiências vamos esboçar um conjunto de ideias e princípios a observar tendo em vista o incremento e melhoria das relações intergeracionais.

Vida ativa, porque sim

A vida é um contínuo e, portanto, a identificação de fases como a infância, adolescência, juventude, adultez e velhice, embora tendo alguma utilidade prática, não passa de uma convenção. Aliás, vivemos, justamente, um período de grande reconfiguração destas etapas: crianças sem tempo para serem crianças; jovens feitos homens e mulheres por força das circunstâncias (guerras, exploração do trabalho, por exemplo); adolescentes de 30 anos que não se emancipam (nem estudam e nem trabalham), pais com idade de serem avós, idosos envelhecidos à força porque atingem os 65 anos de idade e tem de deixar a vida ativa. Ou seja, também aqui uma consequência da anunciada flexibilidade da pós-modernidade com designada por (GIDDENS, 2000).

Assim sendo, facilmente se percebe a vantagem de conceptualizar a vida das pessoas como um contínuo, com etapas fluídas, em que, o que mais importa, não é tanto fazer o que é devido fazer nas etapas convencionadas para tal, mas sim assegurar um percurso de vida consistente, coerente e saudável do ponto de vista individual e social. Aliás este é o tempo da fluidez: relações profissionais fluidas, relações pessoais fluidas, identidade de género fluidas. A fluidez é uma resposta adaptativa, quiçá inteligente, à desestruturação do espaço-tempo das sociedades pós-modernas. Aprofundemos esta ideia. A desestruturação do espaço-tempo é um conceito oriundo da física que está relacionado ao desenvolvimento da teoria da relatividade, mas que, como muitas vezes acontece entre as ciências (e bem a nosso ver), é apropriado por outra ciência. Em sociologia a desestruturação do espaço-tempo refere-se às mudanças na organização e experiência do tempo e do espaço na sociedade pós-moderna, causadas pela globalização, tecnologia, mobilidade e outras transformações sociais que criou uma sensação de interdependência global, isto, em claro contraste com as sociedades pré-modernas, nas quais as pessoas viviam em comunidades locais e tinham uma compreensão linear e cronológica do tempo, em que as atividades diárias eram organizadas em torno do ritmo natural do dia e da noite, e as interações sociais eram face-a-face e limitadas ao alcance geográfico da comunidade local (sobre este assunto pode ler-se a obra de Giddens já referenciada e outras do mesmo autor e ainda a obra “Time and Social Theory” de Barbara Adam (ADAM, 1994).

Vida ativa, na nossa conceção (idealizada) significa que as pessoas vivem em pleno todas as etapas da sua vida, que experienciam os seus papéis sociais (ínatos e adquiridos) de forma livre e em partilha com os outros significativos e a sociedade em geral. Quais as

vantagens desta ideia de vida ativa? A ideia de vida ativa confere integridade ao *self* que é fundamental para enfrentar a flexibilidade, ou o caos, ou a complexidade, ou ainda a sociedade de risco.² Ou seja, no turbilhão das vidas de hoje, a integridade do *self* é, simultaneamente, mais essencial à existência saudável, mas mais difícil de alcançar e obter. Lembramos, a propósito, as palavras de (ERIKSON, 1972) acerca da importância de se chegar à velhice com uma sensação de aceitação e satisfação com o seu percurso de vida. Em consequência desta integridade do *self*, desta continuidade, é desdramatizada a questão das etapas de vida, é atenuado o risco de crise identitária, é mitigado o risco dos estereótipos ligados à idade (idadismo), e, sobretudo, pelo lado positivo, é potencializada a intergeracionalidade das relações (PEREIRA, 2012a).

A ideia de vida ativa tem implícita uma dimensão educacional profunda e inequívoca. Em abstrato, as pessoas com uma vida ativa, por natureza, partilham melhor a sua existência com os outros expressando o um forte sentido de pretensão ontológico. Esta condição é, digamos assim, um desiderato feliz e desejável, da perspectiva libertadora da educação de Freire (1987), da importância da interação social com os pares e outros atores do conhecimento para o desenvolvimento cognitivo e das competências sociais indivíduos de Vygotsky (1926) e da ecologia do desenvolvimento humano, inclusiva e integradora, de Bronfenbrenner (1979). Isto conduz-nos às relações intergeracionais e à coeducação.

A vida ativa, é uma vida partilhada com os outros e, por isso, coaduna-se muito bem com a coeducação, dado que, no entrelaçar (como dizia o poema) das relações sociais entre indivíduos de diferentes idades há sempre tempo e espaço para a partilha do conhecimento. A sociedade atual, espartilhada nas suas inúmeras facetas, tem de reinventar tempos e espaços comuns de partilha. Vejamos três ideias para isso acontecer: a reinvenção do espaço público; o desporto as artes e a cultura; e, ao nível dos programas formais, a reinvenção da Universidade Sénior (US).

A reinvenção do espaço público

² Sobre estes fenómenos sociais recomendamos a leitura de: “The rise of the network society” (CASTTELS, 1996); “Critique of information” (LASH, 2002); “Structure, agency and the internal conversation” (ARCHER, 2003).

A reinvenção do espaço público. O espaço público é definido como um espaço, físico ou virtual, que é acessível e utilizado por todos os membros da sociedade e que não é controlado ou possuído por um indivíduo ou grupo específico, mas que é mantido pela sociedade como um todo. O espaço público pode incluir parques, praças, ruas, calçadas, bibliotecas, salas de leitura, centros comunitários, estádios, locais de culto, e espaços virtuais como fóruns on-line e redes sociais. O espaço público é um local de encontro e diálogo onde as pessoas se podem reunir para discutir questões importantes, debater ideias e expressar suas opiniões. É um lugar de democracia, liberdade e igualdade, onde todas as vozes podem ser ouvidas e onde a diversidade é valorizada. O espaço público pode, e deve, ser potenciado para atividades de coeducação mais ou menos formalizadas. A este respeito, um estudo sobre o uso das praças públicas como espaço não formal de educação (Dinardi et al., 2018), assinala ganhos na aprendizagem, sobretudo em termos de sociabilidade e contextualização dos conteúdos pedagógicos. Levar a “sala de aula” é uma ideia muito interessante se articulada com outras iniciativas comunitárias de encontro intergeracional, como, por exemplo: ateliers de artes e ofícios, jogos tradicionais, manifestações culturais, entre outras. A já citada publicação da Unesco (UNESCO, 2022) é muito explícita a incentivar ao uso do espaço público, das cidades, do planeta vivo como espaços privilegiados de aprendizagem, destacando a importância da aprendizagem intergeracional e da promoção da coesão social por meio da educação, do desporto, das artes e da cultura. O relatório apresenta estudos de caso de várias iniciativas intergeracionais de sucesso em todo o mundo e fornece recomendações práticas para a promoção da aprendizagem intergeracional.

Há neste enfoque uma ética da “inferência”, do primado da experiência vivida dos fenómenos, no seu sítio e no seu contexto, como preconiza a teoria ética da Ecologia Profunda de Devall & Sessions (1985). No mesmo sentido a utilização do espaço público como espaço educacional, constitui-se como uma das condições da educação inclusiva, designadamente da sua dimensão ontológica, como perspectivado por GONZÁLEZ, (2018). A terminar, a este propósito, gostaria de partilhar uma memória de infância, tradicional na minha terra, cidade de Penafiel no norte de Portugal, em que por alturas da Primavera, era costume fazer-se o lançamento de papagaios de papel (conforme a sua complexidade, havia os “papagaios”, os “bacalhaus” e as “estrelas”). Esta prática era realizada por

peessoas de todas as idades, os “pequenos” com pequenos papagaios de papel e bacalhaus e os “grandes” com grandes e mais sofisticadas estrelas. Uma atividade simples, mas extremamente educativa e integradora, que se estendia desde a escolha dos materiais a usar (papel e canas³), as técnicas de construção e depois o lançamento dos papagaios aproveitando os ventos da Primavera. Nas condições da pós-modernidade o espaço público perdeu muito desta naturalidade e espontaneidade e, portanto, não sendo possível nem sequer desejável voltar aos tempos de outrora, importa reinventar estes mesmos espaços públicos.

A aposta no desporto, nas artes e na cultura

O desporto as artes e a cultura, são atividades altamente potenciadoras do encontro geracional e, outrossim, da coeducação. Uma sociedade que prioriza a atividade desportiva, artística e cultural é, muito naturalmente, uma sociedade inclusiva. Em todas estas atividades estão implícitos processos educacionais de partilha do conhecimento. Sem cair em estereótipos, facilmente se percebe, que os mais velhos contribuem com a sua experiência e sabedoria acumulada de décadas, enquanto os mais novos contribuem com o seu entusiasmo, ainda fresco, com a sua criatividade e curiosidade pela inovação. Num plano mais pragmático, como referem (KARDOL; VLĀDUT; AVRIM, 2016), as pessoas mais velhas podem adquirir novos caminhos de conhecimento e tentar melhorar suas habilidades para aumentar sua inclusão social, enquanto os jovens desenvolverão competências para se orientar e adquirir uma posição na sociedade e mercado de trabalho. Seja como for, garantidamente, todos os participantes têm a oportunidade de se conhecerem melhor uns aos outros, nas suas grandezas e fraquezas, próprias a cada estrato etário e nas suas características únicas e irrepetíveis.

O desporto, por exemplo, pode ser uma forma divertida e envolvente de unir diferentes gerações em torno de uma atividade comum, ajudando a quebrar barreiras entre jovens e idosos. As artes e a cultura também podem desempenhar um papel

³ Papel era de seda colorida, ou à falta dele, simples papel de jornal e canas de foguete. Os foguetes eram lançados pelas alturas festivas como a Páscoa, mesmo a calhar, portanto. E assim tudo se conjugava, tudo era naturalmente integrado e imanente das práticas socioculturais. Só para que se perceba os papagaios usados atualmente são de plástico e já vêm feitos da China...

importante na promoção do diálogo e da compreensão entre diferentes gerações, permitindo que as pessoas compartilhem e apreciem suas expressões culturais únicas. A interação entre diferentes gerações em atividades educativas pode ter muitos benefícios para o desenvolvimento pessoal e social, além de reduzir o isolamento social, promover a inclusão e desenvolver habilidades sociais e emocionais em todas as idades.

A reinvenção das Universidades Seniores

As US são instituições de ensino que oferecem cursos e atividades destinadas a pessoas idosas (normalmente com mais de 50 anos), com o objetivo de promover a aprendizagem ao longo da vida e a integração social, num ambiente de aprendizagem informal, descontraído e agradável, onde os alunos podem expandir seus conhecimentos, interesses e habilidades em assuntos como: história, literatura, arte, música, idiomas, ciência, tecnologia, entre outros. As US podem estar associadas a universidades e institutos, ou funcionarem de forma autônoma sendo geridas por organizações privadas de diversa natureza. Não escondemos a nossa preferência pelo primeiro tipo e passamos a explicar porquê.

Na nossa experiência docente universitária já tivemos a grata possibilidade de ter alunos seniores. Em todas essas experiências não deixamos de notar os ganhos, inequívocos, da sua presença no seio dos seus colegas jovens universitários. O ganho do desafio para o professor, pois é necessário estar atento à integração nas dinâmicas sociais e no acompanhamento das matérias; e ser “desafiado” é o melhor que pode acontecer a um professor, pois isso ajuda-o a reinventar-se e dar o melhor de si mesmo. O ganho da contextualização dos assuntos abordados com a experiência vivida dos alunos mais velhos, sendo muito interessante observar como os colegas mais novos olham para o colega mais velho quando o assunto remete a questões do passado. Por fim, o ganho institucional, pois a instituição que tem oferta formativa alunos seniores caminha no sentido da inclusão.

Esta questão da oferta formativa para alunos seniores nas universidades e institutos regulares também merece ser debatida. Ela existe nas mais diversas modalidades. A nossa preferência recai naquela que consideramos a mais inclusiva e simples de todas. A oferta formativa deve estar aberta a qualquer cidadão, adulto ou sénior, que nela queira

participar, obviamente com critérios que não penalize o decurso normal das aulas, objetivo da frequência também pode ser pensado de forma flexível. A nosso ver, poderia ter, ou não, fins de qualificações e certificação de competências. Na sua forma mais simples e descontraída os alunos adultos e seniores poderiam ter como objetivo a frequência das unidades curriculares que fossem do seu interesse, apenas pela intenção de participarem, desenvolverem as suas competências e partilharem o conhecimento com os colegas mais novos, podendo ou não serem avaliados e certificados no final. Sublinho o uso do verbo partilhar (o conhecimento) pois é exatamente disso que se trata, partilha, encontro, troca de saberes e experiências, entrelaces (do poema), empoderamento.

As universidades seniores autónomas contribuem seguramente para o bem-estar e integração dos idosos e sobretudo para a mitigação do isolamento social e da inatividade dos idosos, todavia, a nosso ver, na sua essência, contribuem, ainda que involuntariamente, para a segregação etária pois, normalmente, destinam-se e são frequentadas por pessoas idosas. Ou seja, não se coadunam bem com a nossa ideia de vida ativa. Coadunam-se melhor com a ideia de envelhecimento ativo, por exemplo. Envelhecimento ativo e seus derivados conceptuais (envelhecimento saudável, envelhecimento positivo, envelhecimento produtivo) são importantes sim, todavia, estão sempre maculados pelo risco da segregação e do idadismo.

Considerações finais

Neste artigo o nosso argumento principal é a ideia de vida ativa. Uma vida vivida de forma plena ao longo de todo o ciclo de vida. Uma vida, que, a cada momento, é uma oportunidade de partilha do conhecimento. Uma vida cujo palco é a biosfera e a “sociosfera”. Uma vida tecida de contínuos, evitando ruturas, evitando estereótipos. Uma vida equilibrada e de equilíbrios, entre o natural e o artificial, entre o presencial e o online, entre o pré-moderno e o pós-moderno. Um contínuo de identidades de género, de nacionalidades e de credos, um contínuo de idades, um contínuo de encontros.

Nesta linha de pensamento procuramos demonstrar como a prática e o discurso político e institucional acerca da coeducação entre gerações são insuficientes, parcelares e muito pouco inclusivos. Em contraste, a nossa proposta, fundamentada na ideia de vida ativa, sugere que o caminho, como dizia o poema de abertura, deve ser feito no entrelace

da singularidade de cada um, para que a vida aconteça em toda a sua plenitude. Neste sentido, vida também é educação ou melhor dizendo coeducação. E assim, o contributo de cada um, ainda que modesto, todavia único, foi dado e foi recebido. Foi entrelaçado.

REFERÊNCIAS

ADAM, B. **Time and Social Theory**. [s.l.] Willey, 1994.

ARCHER, M. **Structure, agency and the internal conversation**. [s.l.] Cambridge University Press, 2003.

BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development. Experiments by nature and design**. [s.l.: s.n.]. v. 13

CASTTELS, M. **The rise of the network society**. 2. ed. [s.l.] Willey-Blackwell, 1996.

CÍCERO, ARCO T. **Cato Maior de Senectute**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

CUNHA, L. P.; PEREIRA, F. A.; LOUREIRO, A. Educação para o Suporte Social e Satisfação com a Vida em Idosos. Em: ÁUREA SOARES BARROSO; ARNOLDO HOYOS, H. S. DA S. & I. F. (ORG.) (Ed.). **Diálogos Interdisciplinares do Envelhecimento**. São Paulo: Edições Hipótese, 2019. p. 47–65.

DEVAL, B.; SESSIONS, G. **Deep Ecology: Living as if Nature Mattered**. [s.l.] Gibbs M. Smith, 1985.

DINARDI, A. J.; FEIFFER, A. H. S.; FELIPPELLI, H. E. O Uso de Praças Públicas como Espaço Não Formal de Educação. **Revista de Educação, Cultura e Sociedade**, v. 8, n. 1, p. 311–326, 2018.

ERIKSON, E. **Identidade, Juventude e Risco**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. 4ª ed. Oeiras: Celta Editora, 2000.

GONZÁLEZ, A. O. Condiciones de Producción de la Educación Inclusiva. **Revista Pedagógica**, v. 20, n. 45, p. 134, 31 dez. 2018.

KARDOL, T.; VLĀDUT, A.; AVRIM, S. Intergenerational learning and social inclusion: Measuring the impact in five European countries. **Andragoske studije**, n. 1, p. 109–128, 2016.

LASH, S. **Critique of information**. [s.l.] Sage Publications, 2002.

PEREIRA, F. A. A Ideia de Vida Ativa. Em: PEREIRA, F. (Ed.). **Teoria e Prática da Gerontologia. Um Guia para Cuidadores de Idoso**. 1. ed. Viseu: Psicosoma, 2012a. p. 207–214.

PEREIRA, F. A. **O Lugar das Emoções e dos Sentimentos nas Condições da Pós-Modernidade**l Congresso Internacional de Inteligência Emocional e Educação: Investigar e Intervir para Mudar. Bragança: [s.n.]. Disponível em:
<[https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/10641/1/Actas Comunicação Oliveira Azemeis Fernando.pdf](https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/10641/1/Actas%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20Oliveira%20Azemeis%20Fernando.pdf)>.

PEREIRA, F. A. Fenómenos estruturantes da pós-modernidade. Em: PEREIRA, F. (Ed.). **Teoria e Prática da Gerontologia. Um Guia para Cuidadores de Idoso**. Viseu: Psicosoma, 2012c. p. 17–24.

PEREIRA, F. A. Saúde, Fatores Sociais e Suporte Social dos Idosos. **Os muito idosos: estudo do envelhecimento em Coimbra. Perfis funcionais e intervenção**, p. 47–67, 2014.

PEREIRA, F. A.; GALVÃO, A. **A Comunicação Intergeracional no Contexto da Pós-modernidade**. VI Conferência Científica Internacional de Projetos Educativos para Seniores. **Anais...2022**.

SANTOS, B. A reinvenção solidária e participativa do Estado. **Sociedade e estado em transformação. São Paulo: ...**, p. 1–51, 1999.

UNESCO. **Reimaginar juntos nuestros futuros: un nuevo contrato social para la educación**. [s.l.] Unesco, 2022.

UNITED NATIONS. **World Population Ageing**. New York: [s.n.]. Disponível em:
<<https://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/ageing/ageing2017data.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **Educational Psychology By L.S. Vygotsky**. [s.l: s.n.].

Enviado em: 23-10-2023

Aceito em: 22-12-2023

Publicado em: 28-12-2023